3 1761 06680803 1

BRIEF
PQD
0010317

A PRINCEZA D'ARRENTELLA

TRAGEDIA BURLESCA EM TRES ACTOS

POR

JOSÉ IGNACIO D'ARAUJO.

LISBOA.

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,

Travessa da Victoria, 73.

1860.

Livraria Portuguesa
— DE —
Ferreira & Franco, Ldª
Livros Novos e Usados
Telef. 86 53 37
154, R. da Madalena, 15(
LISBOA

UE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM
A SUA LOJA, RUA AUREA N.º 109.

nario de instrucção e litteratura, fundado em 1837.
ção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000
Encadernada 27:000

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel 11:600
Encadernados..... 13:600

Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro v = Um folheto com dez gravuras 200

M. M. B. DU BOCAGE.

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. em 8.º francez. Preço..... 4:320

F. J. FREIRE — CANDIDO LUSITANO.

Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço..... 720

BARRETO FEIO.

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol. 8.º francez..... 2:880
O 3.º volume só 1:000

LIMA LEITAO.

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.º 800
O 2.º volume só..... 480

Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º francez..... 1:200

REBELLO DA SILVA.

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriarchado, 2. vol. 8.º francez..... 960

A Mocidade de D. João v, comedia-drama em 5 actos..... 480

Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º francez. Preço..... 300

MENDES LEAL JUNIOR.

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr... 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º francez..... 300

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 400

Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 400

A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 480

Canticos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 720

Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço..... 300

A. ABRANCHES.

Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.º fr..... 300

F. SOARES FRANCO.

Sermões, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 480

26.00

A PRINCEZA D'ARRENTELLA

TRAGEDIA BURLESCA EM TRES ACTOS

POR

JOSÉ IGNACIO D'ARAUJO.

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1860.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

Brief
PQD
00/0317

http://www.archive.org/details/princezadarrente00arau

PERSONAGENS.

D. Carapanta . . . Rei do Barreiro.
D. Taroco . . . . . Rei do Seixal.
D. Hydrogenia . . Princeza d'Arrentella.
D. Soneca . . . . . Capitão do exercito de D. Carapanta.
D. Manhoso. . . . . Ministro do Barreiro.
D. Seringa Patão General do exercito de D. Taroco.
Justina Mendes. . Aia de D. Hydrogenia.
Chumeco. . . . . Carcereiro.
O Algoz.

Pagens, Camaristas, Generaes e Povo

ACTO I.

(Palacio de D. Carapanta no Barreiro. Á direita o throno. Sala ricamente adornada: tropheos nas paredes, etc.)

SCENA I.

D. MANHOSO, E D. SONECA.

D. MANHOSO.

Bem vindo sejas, capitão valente,
Heroico defensor da nossa gente,
Peito de bronze, coração guerreiro,
Sustentac'lo da c'rôa do Barreiro.
Que noticias nos trazes da batalha?
Correu-se a cachação a vil canalha?
Esse rei atrevido, esse velhaco,
Acaso já levou p'ra o seu tabaco?
A formosa princeza d'Arrentella
E' já do nosso rei, que arde por ella?

D. SONECA.

Ministro de meu rei, sabio Manhoso,
A victoria foi nossa — o ceo bondoso

A nossas armas deu alto triumpho!
O nosso rei ganhou: — foi rei de trunfo.

D. Manhoso (*com enthusiasmo*)

Palpitar de prazer meu peito fazes
Com essa boa nova, que me trazes.
Não era d'esperar que heroes de fama
Deixassem o seu rei ficar na lama...
Não — que não deixam gentes d'essa marca
Embaciar a c'rôa ao seu monarcha. (*com regosijo*)
Abatido está já, meu D. Taroco,
Teu orgulho sem par de rei samouco!...
Aquelle sceptro teu, pintado em riscas,
Já roja pelo chão... 'stá feito em iscas!...
A tua c'rôa, outr'ora respeitada,
Perdeu todo o fulgor... não brilha nada!...
Calcada agora aos pés, é lixo, é cisco!...
Perdeste o teu Seixal e o seu marisco...
Perdeste essa princeza amada e bella,
Luminaria brilhante d'Arrentella!

D. Soneca.

Brigámos como heroes bem destemidos;
E entre as balas mostrámos, atrevidos,
A quanto chegar pode audacia humana!
Não se viu entre nós um só *banana*.
O inimigo era forte, era terrivel,
Porém de nosso braço a força incrivel
O que não vencerá! Somos guerreiros,
Que apontados serão inda os primeiros.
Vimos firmes, alegres, sem desmaios,
As granadas cairem como raios...
Estalarem as bombas dos morteiros...
Duras balas cruzarem-se aos chuveiros,
Fazendo comer terra a nossa gente,
Que morria, mostrando ser valente.
Aqui caem dois mortos... lá cae um...
Tudo é fogo — *pum, prum, pum, prum, pum, pum!* (*pausa*)

Ao ceo se elevam nuvens de fumaça...
Escurece-se o sol, e a morte baça,
Negra e medonha, sobre nós adeja,
Fazendo arder mil molhos de carqueja!!
Quando a lucta mais fera se travava
O nosso general assim bradava:
«Avante! Camaradas! Ter coragem!
Demos cabo de tanta frandulagem,
E mostremos, com pasmo, ao mundo inteiro
Que os primeiros heroes são do Barreiro!...
Abata-se o pendão do rei Taroco,
Que p'ra vencer aqui bastava sôco!
Um golpe decisivo se desfeixe,
Conquiste-se o Seixal, que tem bom peixe!»
Cobraram novo ardor nossos soldados,
E sobre o inimigo, *encanzinados*,
Descarregam de lança duros botes;
E devéras lhe foram aos *fagotes!* (*com prazer*)
Vencemos! que prazer! que *reinação!*

D. Manhoso.

Vamos ter quinze dias de funcção
Para se celebrar esta victoria,
Que a todos enche de prazer e gloria.
Illuminar-se-ha esta *cidade*
Com velinhas de sebo em quantidade,
Lamparinas, candêas, e tigellas
Encarnadas, azues, e amarellas:
Repicarão os sinos, e sinetas,
Tocarão realejos e trombetas;
E p'ra o festejo se tornar completo
Nas aulas todas haverá sueto.

D. Soneca.

Em breve entrar vereis n'este aposento
O nosso grande rei cheio de vento,
Acompanhando aquella que elle adora,
Por quem — se ella o mandar — puxa uma nora.

Vereis esse cortejo tão chibante
Homenagem render ao triumphante;
E sabereis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei se de tal gente.

D. Manhoso.

Quem me dera já ver essa princeza,
Primor das filhas de Maria Andreza!...
Essa deusa, das almas puro enleio,
Mais linda que as serêas do passeio!...
Se eu pudesse alcançar o seu agrado...

D. Soneca.

Pois digo-lhe que fique descansado:
Ella é filha de gente bem creada,
E sabe dar apreço a gente honrada.
O senhor é ministro — sem ter manhas; —
Sua mãe, assadora de castanhas,
Se lhe não deu brazões com cães pintados,
Deu-lhe sabios conselhos sublimados,
E a Coimbra o mandou estudar leis.
— Só n'isto a pobre velha errou por seis. —

D. Manhoso.

E' verdade que errou, eu penso assim,
Porque se burro fui, mais burro vim.

D. Soneca.

Isso é muita modestia, D. Manhoso,
O senhor é esperto qual raposo:
Para a princeza o honrar só vêl-o basta,
Não 'steja com temor, — não perde a pasta.

D. Manhoso.

Traga-te o ceo, princeza d'Arrentella!!

D. Soneca (*indo ao fundo escutar*)

Não ouve tocar gaitas? Lá vem ella.

SCENA II

OS MESMOS, D. CARAPANTA E D. HYDROGENIA; D. TARUCO, E D. SERINGA PATÃO, que trazem algemas; GENERAES, CAMARISTAS, PAGINS, E POVO.

(Ao entrar em scena o cortejo dá vivas.)

CÔRO.

Viva o Carapanta,
E o sceptro real,
E viva a conquista
Do bello Seixal!

Viva o nosso povo,
Valente e guerreiro,
Que augmenta os dominios
Do grande Barreiro!

Os loiros mais bellos
Colhemos n'acção;
Depois da victoria
Prazer e funcção.

Trôpheos, e bandeiras
Soubemos ganhar;
Agora, contentes,
Dar vivas, cantar. (*dão vivas*)

D. CARAPANTA (*impondo silencio*)

Cesse o vivorio, que a princeza amua,
Quem quizer berrar mais vá lá p'ra a rua.

(Segue-se profundo silencio. Depois de breve pausa.)

Valentes generaes do meu Barreiro,
Gentinha illustre, que assombraes inteiro

O mundo com mil feitos espantosos,
Eu devo a vossos peitos valorosos
O sceptro, a c'rôa, que na cabeça *encaixo;*
E vos devo inda mais, segundo eu acho,
O poder possuir joia tão bella:
A formosa princeza d'Arrentella. (*mostrando a princeza, que abaixa os o'hos*)
O Seixal é já nosso. A nossa espada
A chibança cortou á vil cambada.
Meu imperio augmentou, cresceu meu mando;
Agora, sabio e justo governando,
Farei crescer em gloria, e prosperar
Nosso immenso poder por terra e mar...
Em breve esta nação será tamanha,
Que meças pedirá á Grã-Bretanha. (*voltando-se para a princeza que chora*)
Princeza cara, que esta chamma aticas...
Lamparina d'amor, que me enfeitiças
Com a luz de teus olhos... sécca o pranto,
Que uma *careta* assim mette-me espanto.

D. Hydrogenia (*chorosa*)

O pranto pelo rosto corre em bica
Por não ter a meu lado a tia Annica!! (*limpa os olhos a lenço de tabaco*)

D. Carapanta.

Sobe ao throno de meus antepassados,
Que todos foram reis assignalados...
Sobe; e lá brilharás, eu certifico,
Qual candeeiro de gaz com mais d'um bico. (*toma-lhe a mão conduzindo-a ao throno: ella sobe*)
Repara que esses fatos vão a rastos.
Cuidado nos degraus que já 'stão gastos.

(A princeza senta-se; o rei sobe e colloca-se a seu lado.)

Illustre capitão da minha guarda,
Esta fita te dou — põe-a na farda. (*dá a D. Soneca duas varas de fita*)
Manda já D. Taroco e D. Patão
De ferros carregar n'uma prisão...
Que não vejam a luz pura do sol
Nem escutem cantar o rouxinol
Engraçadas modinhas brazileiras,
— Nem biscoitos provar possam d'Oeiras; —
Sustentem-se a feijões — dos carrapatos —
E só possam beber do mata-ratos.

(D. Taroco e D. Patão avançam para a scena.)

D. Taroco.

Venceste! Carapanta do Barreiro!!...
Já fui rei do Seixal... sou prisioneiro!
E' tua esta cabeça... mata... esfolla...
Dá-me a fatal tacada — carambola.

D. Seringa Patão.

Morrer não teme quem zombou das balas:
Manda-me esquartejar que não me ralas.

D. Soneca (*a D. Taroco e Patão, que conduz ao fundo da scena*)

Não fujam que ha lá fora um cão de fila. (*áparte*)
Estudei uma arenga — heide impingil-a. (*voltando-se para o rei*)
Que prazer que não é erguer a espada
Em defesa d'um rei, que nos agrada!!...
D'um rei, que pelo povo se desvela,
E lhe dá as sopinhas da panella!!...
D'um rei, que jámais dorme a somno solto
Em dia em que o seu povo anda revolto!!...
D'um rei, que, como vós, não enfastia!!...
Almudes de meu sangue, sim, daria

Pela patria, e por vós. E em quanto ao lado
Me conservar d'um rei, por mim amado,
Não deve o rei temer a sorte avessa,
E a c'rôa que tem sobre a cabeça
Jámais hade cair, — e já dei prova, —
Co' o ladrar de mil cães da Terra Nova.

D. Carapanta.

Conheço o teu valor, meu bom Soneca,
Mas cumpre o que mandei, não dês mais sécca.

(Soneca sae conduzindo Tanoco e Patão para a prisão.)

SCENA III

OS MESMOS, menos SONECA, TAROCO, E PATÃO.

D. Manhoso (*á parte*)

Agora me compete a minha vez;
Não ficarei atraz d'este freguez. (*alto*)
Monarcha egregio! Astro do *universo!*
Esta arenga escutae, que eu fiz em verso.
Vosso fiel ministro, D. Manhoso,
A vossos pés se curva, respeitoso,
Dando-vos parabens pela victoria,
Que não tem outra egual em toda a historia.
Sois da nossa *nação* a doce esp'rança;
E em quanto no mundo houver lembrança,
Vosso nome, meu rei, será lembrado. (*mudando de tom*)
Incumbido por vós do bem do estado,
Da justiça empunhei rectas balanças,
E augmentei moeda e meia nas finanças.

D. Carapanta.

Fizeste muito bem, eu t'o agradeço.
Emprega esse dinheiro em pão sem gesso,

E manda-o repartir pela pobreza.

D. Manhoso.

Que nobre coração! Que alta nobreza!!...
Oh! rei, que o povo teu assim captivas!!...
Senhores, por favor, dae-lhe mais vivas. (*voltand -se para o cortejo*)

(O cortejo dá vivas)

D. Carapanta (*commovido*)

De elogios immensos sois credores...
Isso tudo, rapazes, são favores.
Se os vassallos amar devem o throno,
O rei deve tambem não ser um mono,
Recompensando o zelo dos patuscos...
Afastem-se de vós os dias bruscos!... (*para o cortejo*)
Illustres capitães de varias raças,
'Stou hoje de maré, concedo graças.
Todos (*correndo para o rei gritando em differentes vozes*)
Um habito! Um emprego! Mais canoco.

Uma voz

Não empurre p'ra cá que leva um sôco.

D. Carapanta.

Meu ministro fiel, vae-os ouvir,
E dá a cada qual o que pedir. (*para o cortejo*)
Dar-vos venturas mil aos ceos apraza;
Deixem-nos ficar sós, vão-se p'ra casa.

Côro.

Valentes guerreiros
Findou o brigar;
Depois da victoria
Toca a patuscar.

Celebre-se o nosso
Triumpho sem par
Com bello petisco,
Com bello jantar.

Do vinho mais bello
Beber a fartar,
Beber té cair
De pernas pr'o ar.

Viva o Carapanta,
E o sceptro real,
E viva a conquista
Do bello Seixal! (*saem dando vivas*)

SCENA IV

D. CARAPANTA, E D. HYDROGENIA, descendo do throno.

D. CARAPANTA.

Princeza, que eu adoro com loucura...
Como se adora uma isca de forçura!...
Como se adora a posta de lampreia
Comida n'um jantar á custa alheia!...
Eu peço que me attendas... ouve, escuta
D'esta minha paixão a força bruta.
Quando vejo teu rosto... quando encaro
Esses olhos, que tens de um brilho raro,
Ateia-se em meu peito um vasto incendio,
Que não se apaga... mais e mais accende-o
A presença d'encantos d'esse lote!!
Este meu coração é um archote!
Viver não posso, não, se tu me negas
Esse teu puro amor... comigo pregas
Nas mãos do desalmado do coveiro
Se despresas o affecto verdadeiro,
Que sinto n'este peito amante... terno!...
Ah! jura-me, princeza, amor eterno... (*ajoelhando aos pés da princeza*)
Jura-me agora aqui, co' a fé mais santa,
Um amor verdadeiro ao Carapanta!

D. Hydrogenia.

Jurar não posso amor, muito nem pouco,
Que dei meu coração a D. Taroco:
Tenho um só coração; se dois tivera
Um d'elles todo inteiro hoje vos dera.
Não posso amar-vos, não, antes que queira.

D. Carapanta.

Estrella de minh'alma verdadeira,
Não crês n'esta paixão... não vês a brecha,
Que abres no peito meu, cheirando a mecha?!
Acredita, princeza, este amor louco...
Heide amar-te melhor que D. Taroco!

D. Hydrogenia.

Já disse que não posso — e tenho dito:
Amar dois d'uma vez não é bonito.

D. Carapanta..

Eu supplico a teus pés...

D. Hydrogenia (*com enfado*)

Mas se eu não posso
Este meu coração unir ao vosso!..

D. Carapanta (*com pieguice*)

Cede... dá o teu sim ao teu *careca*...

D. Hydrogenia (*enfadada devéras*)

Já lhe disse que não... Ora que sécca.

D. Carapanta (*levantando-se irado*)

Pois bem, princeza, com desdem cruel
Zombas d'um coração limpo de fel...
Despresas um amor sincero e puro
Que ia tornar brilhante o teu futuro!
Agora já não peço, nem supplico...
Já não faço a teus pés papel de nico...
Hasde á força ceder ao meu desejo,
Senão dou-te um sopapo que te aleijo,
Ou mando-te d'aqui p'ra o cemiterio!
— Isto que digo é sério... e muito sério —

D. HYDROGENIA *(em tom heroico)*

Podeis roubar-me a vida... a honra — nunca.

D. CARAPANTA.

Eu mando-te metter n'uma espelunca,
N'uma escura masmorra negra e feia,
Onde não vejas luz, nem de candeia...
Onde sejas de noite atormentada
Por terriveis visões!

D. HYDROGENIA.

Não temo nada.
'Stou resolvida á fome .. á morte... a tudo,
Menos a ser de um bicho tão pelludo!

D. CARAPANTA *(com grande espanto)*

Bicho pelludo a mim!... Oh, ceos! que escuto!
Tratar assim um rei como um matuto!...
Mulher! o que disseste a um rei chibante?!
Retira essa expressão no mesmo instante...
Retira — se não queres que, iracundo,
Te mande já d'aqui p'ra o outro mundo!

D. HYDROGENIA.

Não retiro a expressão: — disse, e está dito —
Matae-me, se quereis, que eu não apito.

D. CARAPANTA *(enraivecido)*

Vou teu peito romper co' um ferro agudo,
E chupar o teu sangue por canudo!

D. HYDROGENIA.

Por isso que dizeis, eu adivinho
Que bebeis capilé de cavallinho.

D. CARAPANTA *(comsigo)*

E combati por ella ousado, e forte
Para ser despresado d'esta sorte!
Minha vida arrisquei n'um fero ataque
Para tratado ser como um basbaque!
A par d'um rosto lindo como um cravo
Achei um coração de gato bravo!!...

E para o alcançar suou-me a testa...
Pelejei como heroe... fui uma besta. (*para a princeza, carrancudo*)
Adeus, princeza, adeus, eu vou-me embora,
Não te digo mais nada por agora...
Mas conta co' a vingança d'este peito
A ser contrariado pouco afeito. (*sae*)

SCENA V

D. HYDROGENIA (*só*)

Oh! desgraça cruel! Oh! sorte avessa,
Que, sem dó, me despejas na cabeça
A taça escura de *amargoso* fel!
Que crime commetti, fado cruel,
Para soffrer no mundo egual tormento?!...
Perder o meu subido luzimento,
Perder um coração, perder um throno
Não é para roubar o doce somno?!
Perder mesmo as esp'ranças da ventura
Não é ser malfadada creatura?!
Deixar o meu quintal com tantas flores
Não é para morrer de dissabores?!...
Deixar os meus canarios, e cochichos,
A gatinha amarella, e outros bichos,
Desgraça não será, não será magua
Que transforme meus olhos em *mãe d'agua!?* (*senta-se chorando*)

SCENA VI

D. HYDROGENIA, E JUSTINA MENDES.

JUSTINA.

Princeza, não choreis d'esse feitio,
Que augmentaes vosso mal, que é ter fastio.

Eu venho consolar-vos n'essa pena,
Que não tem mesmo nada de pequena.
Consultei uma *sabia* feiticeira,
Chamada Rosa Brites Cavaqueira,
A qual me fez saber, dando-me *coques*
Por artes de berliques e berloques,
Que a pena que soffreis, tão deshumana,
Não pode durar mais d'uma semana.

D. HYDROGENIA.

Não acredito a bruxa... é mentirosa...
Não tem fim esta sorte lastimosa!

JUSTINA.

Deveis acreditar que o mal acabe;
A velha que assim diz, é porque o sabe.

SCENA VII

OS MESMOS, E D. SONECA.

D. SONECA *(para a princeza)*

Queira-me acompanhar ao calaboiço.

JUSTINA.

Vem *filar* a princeza! Oh! ceos! O que oiço!!

D. HYDROGENIA *(com valor)*

Estou prompta a seguir-vos com presteza.

JUSTINA *(agarrando-se á princeza)*

Mas eu é que não deixo ir a princeza!...

D. SONECA.

Menina, não se faça valentona,
Que leva já d'aqui uma tapona.

JUSTINA *(gritando)*

Não a deixo levar para a prisão!

SONECA.

Ora você verá se vae ou não. *(agarra a princeza por um braço, arrastando com ella Justina Mendes)*

D. HYDROGENIA.

Direi que o meu valor é infinito
Se me não der agora um faniquito!

Cae o panno.

ACTO II.

(Masmorra escura, apenas allumiada por um candeeiro de folha com magra torcida. D. Taroco amarrado por um pé com pesado grilhão, que prende a uma argola.)

SCENA I

TAROCO (*só*)

Que é feito do meu sceptro respeitado?!
Do meu regio poder assignalado?!
Que é feito do meu throno, onde, fervente,
A minha patria amei, e a minha gente?!
Que é feito da princeza idolatrada,
Que sabia tão bem guizar dobrada?!...
Que sabia com seu meigo feitiço
Os extremos pagar do meu derriço?! (*mudando de tom*)
Tudo perdido é já... 'stou de gaiola,
Como um porco amarrado a uma argola!
Perdi mesmo da esp'rança a luz tão bella...
Agora a minha luz... é só aquella. (*apontando para a candêa*)
De que horriveis tormentos 'stou cercado
N'esta feia masmorra! Desgraçado!!...

Aqui o dia passo entre tristezas,
Supportando do fado as mil durezas!...
Já não posso em manhã serena e bella
Ir ao campo escutar da philomella
Os gorgeios d'amor *repenica'os;*
Nem ver os passarinhos engraçados,
Que, lidando nos seus doces trabalhos,
Os ninhos vão formar de cascas d'alhos!!...
A' noite dormir quero... qual historia!
De continuo me assaltam a memoria
Mil phantasmas d'horror, horripilantes;
E, fazendo galhofa os taes tratantes,
A's vezes me não matam por um triz
Dando-me piparotes no nariz!
Outras, feios gigantes amarellos,
Com mãos crueis me travam dos cabellos,
E subindo-me ao ar, sem compaixão,
Vão comigo fazer *tão-ba-la-lão!*
Mil espectros sinistros e mirrados,
Fazendo-se comigo mal creados,
Por escarneo, por birra, por chacota
Em torno de mim dançam a gavota,
E me obrigam tambem a dar pinotes
Ao som d'um berimbau e dois fagotes!...
Com isto, sobretudo, eu muito zango,
Porque nunca dancei mais que o fandango!
E para isto nasci... e tive um throno,
Que vae passar agora a outro dono!!
E não heide eu chorar n'esta desgraça? (*em tom heroico*)
Não — que os heroes não choram, nem por graça.

SCENA II

D. TAROCO, E CHUMECO, que traz um prato e uma garrafa.

CHUMECO (*pondo no chão o que traz*)

Aqui tem os feijões, — são carrapatos, —
Com o seu competente mata-ratos.

D. TAROCO.

Triste sorte a d'um rei, que não governa,
Sustentado a petiscos de taberna!
Trazeis tão poucochinho... eu tenho fome.

CHUMECO.

Pois saiba que isto só é quanto come;
E tenha paciencia, meu amigo,
O rei não manda dar nem mais um figo.

D. TAROCO.

Tirae-me esta cadêa, por piedade,
Porque quero *trincar* mais á vontade:
Receio não tenhaes; d'aqui não saio,
Logo o pé vos darei qual papagaio

CHUMECO (*tirando-lhe o grilhão*)

E diga que não tenho uma alma nobre...

D. TAROCO (*dando-lhe dinheiro*)

Aqui tem trinta réis, não ha mais cobre.

CHUMECO (*á parte*)

E' preciso ir ganhando a sua estima,
Pois se torna a ser rei eu fico em cima. (*alto*)
Se você me quizer dar p'ra a pescada
Vou buscar-lhe a princeza encarcerada,
E podem conversar nos seus amores.

D. TAROCO.

Eu saberei pagar tantos favores!!

(Sae Chumeco.)

SCENA III

D. TAROCO (*só*)

Vou fallar á princeza... que prazer!
Té perdi a vontade de comer!...

Perdi... que um coração que amor abriga
Falla muito mais alto que a barriga! (*pausa; muda de tom*)
Ao menos se não entro com a papa
Sempre é bom ir provar d'esta zurrapa. (*bebe, faz uma careta e apalpa a barriga*)
De tal maneira as tripas me remexe,
Que julgo que elle tem pau de campeche..
Mas, emfim, sempre é vinho, o nome basta,
Muito embora elle seja de má casta
Não é p'ra desprezar... (*escutando*) Eu sinto passos...

SCENA IV

D. TAROCO, D. HYDROGENIA, E CHUMECO, que se retira.

D. TAROCO (*correndo a abraçar a princeza*)
Princeza! Meu amor! Vem a meus braços!...
Consola-me esta vida de amarguras!...
Por momentos, abranda as penas duras
Que me fazem o peito n'um frangalho!!...
Minhas maguas comtigo agora espalho!!
Só de ver os teus olhos scintillantes
Julgo-me tão feliz como era d'antes
Sentado no meu throno!... tu me fazes
Esquecer estas dôres, que, vorazes,
Me tornam esta vida apoquentada!...
Sim, formosa princeza idolatrada,
Tu és a cataplasma de linhaça,
Que curas minha dôr de tão má raça!

D. HYDROGENIA.

Mal pensas quanto tenho padecido
Longe d'esses teus olhos, meu Cupido!
Dentro d'uma prisão egual a esta,
Onde a luz vem escassa d'uma fresta,

Tenho soffrido fome.. . e até *lambada*
Por não querer trahir a fé jurada!

D. TAROCO.

Heroina sem par! Digna do throno!

D. HYDROGENIA.

Não me deixam dormir, se tenho somno. . .
Não me deixam sentar, se estou cansada.. .
E, quando mais me sinto enfastiada,
Não consentem que eu cante o Rigoleto . .
E p'ra o martyrio se tornar completo
Nem me querem mandar o meu piano. (*chora*)

D. TAROCO (*em delirio*)

Oh! rei sem coração! Oh! rei tyranno!
Oh! tu que tens de humano o gesto e o peito,
Se é de *humano matar* por este geito
Uma nobre princeza tão formosa!! (*pausa*)
E não ter eu poder na mão raivosa
Para arrombar d'um murro esta prisão,
E atirar co' uma casca de melão
Ao nariz do cruel, que nos ultraja!!.. .
Que para me vingar um Deus não haja!.. ·
De que te serve, ó Jupiter, o raio,
Que empunhas n'essa mão?! És um *pangaio*
Se não lanças no abysmo aquella fera,
Que nossos corações assim lacera!
De que te serve o nome de sob'rano,
Se de braços cruzados vês o damno
Da triste humanidade?! Ardor recobra,
Não te faças mais molle do que uma abob'ra!
Se Vulcano não tem raios á venda,
Manda fazer um raio *d'encommenda*,
E castiga o dragão! O dragão macho!
Se és deus, és vingador — dá-lhe p'ra baixo!!!
Oh! raiva!.. . Oh! desespero! Eu enlouqueço!!

D. Hydrogenia.

Os tormentos do inferno aqui padeço;
Mas tudo soffrerei... té mesmo a morte,
Sem deixar de mostrar animo forte;
Não poderão promessas nem rigores
Quebrar a fé jurada aos meus amores...
Té mesmo co' uma faca na garganta,
Direi: — eu te detesto Carapanta!

D. Taroco.

Oh! puro deus d'amor, que não fizeste
Um par de corações egual a este!

D. Hydrogenia.

No fatal, volumoso *calhamaço*
Negro fado escreveu com penna d'aço
Nosso cruel destino... e o que elle risca
Não se pode raspar nem se rabisca!
E' forçoso soffrer... sofframos, pois,
Até que a morte dê cabo dos dois!

D. Taroco.

Seria o meu tormento menos forte
Se pudesse a teu lado esp'rar a morte...
Se pudesse no trance derradeiro
Ouvir-te, inda uma vez, tocar pandeiro,
E cantar as modinhas hespanholas,
Ao som das quaes dancei com castanholas!...
Seria até feliz... mas pouco tarda...

D. Hydrogenia.

Vou deixar-te, meu bem... lá vem o guarda.

SCENA V

OS MESMOS, E CHUMECO.

Chumeco (*á princeza*)

E' preciso, senhora, retirar, (*aos dois*)
A'manhã fallarão com mais vagar

D. TAROCO.

Como rapidos voam os instantes,
Que teem de consolo dois amantes,
Que se adoram com puro amor fervente!

CHUMECO.

Assim ouço dizer a muita gente.

D. HYDROGENIA (*soluçando*)

Oh!... falta-me o valor na despedida!...
Adeus!... Adeus, amor!... Vou de partida!...
Adeus!... Adeus!... Adeus!... Adeus final!... (*abraçam-se*)

D. TAROCO.

Adeus, joia d'amor sem um rival!!...
Oh!... jámais os meus olhos lacrimosos
Verão esses teus olhos, tão formosos,
Unica luz, que a vida me encantava!...
Jámais verei o rosto, que eu amava,
E aonde, dardejando agudas frechas,
Amor vinha poisar sobre as bochechas!
Jámais os meus ouvidos malfadados
Ouvirão os accentos aflautados
Da tua doce voz, sonora e meiga,
Mais branda... muito mais do que manteiga!...
Jámais serei feliz... que venha a morte!

D. HYDROGENIA.

E' forçoso soffrer a lei da sorte!

D. TAROCO.

Ninguem a pode ter mais negra e adversa!

CHUMECO

Então quando se acaba essa conversa?

D. TAROCO (*abraçando a princeza*)

Adeus!... Morro de dôr!... de dôr espichas.

D. HYDROGENIA (*soluçando*)

Adeus!... meu caro amor!... saude e *bichas!*

(Chumeco conduz a princeza ao seu carcere e volta á scena.)

CHUMECO.

Dê cá o pé, papagaio.

D. TAROCO (*dando-lhe o pé*)

Aqui o tem.

(Chumeco prende-o com o grilhão e sae.)

SCENA VI

TAROCO (*só*)

Mais desgraçado que eu não ha ninguem...
Não ha no mundo um triste a quem a sorte
Flagelle com rigor mais impio e forte!!
Se eu podesse cortar n'este momento
A' vida malfadada o fraco alento...
Se eu podesse, empunhando uma navalha
As guelas cortar... (*mudando de tom*) Até me falha
No tormento, que soffro, esse consolo!!
Fui um pedaço d'asno, fui um tolo
Em não trazer comigo coisa alguma,
Que podesse matar: — uma verruma,
Um espeto, um estoque, uma sovela,
Uma coisa qualquer com que a guela
Furasse, com valor, de banda a banda!.. (*reflecte*)
E' tentar contra a vida, acção nefanda... (*com resolução*)
Mas que importa?! E' receita de Catão,
Que um piegas não foi, não foi poltrão!
Sim, eu quero matar-me... (*alatido*) mas não posso.

SCENA VII

D. TAROCO, E D. CARAPANTA.

D. CARAPANTA (*ironico*)

Venho saber que tal te soube o almoço...
De saude, *patrão*, como vae isso?

D. TAROCO (*áparte*)

Inda aqui me apparece aquelle ouriço! (*alto*).
Vens, cruel, recrear-te na tua obra?
Oh! tu és um traidor, és uma cobra...
És ainda mais fero, mais cruel
Que a cobra, que se diz de cascavel!
És panthera feroz, que a gente investe,
Merecias a gaiola que me deste!

D. CARAPANTA.

Que é feito do teu throno, D. Taroco?
Que é feito do teu sceptro, meu samouco?...
Que é feito d'essa c'rôa respeitada,
De rubis, e saphiras cravejada?...
Que é feito do poder, que tinhas d'antes
Nos teus grandes exercitos chibantes?
Que é feito da princeza d'Arrentella,
Que assim te fez cair n'esta esparrella? (*rindo*)
Perdeste tudo... tudo... és mesmo um panga

D. TAROCO (*áparte*)

Que tal 'stá o maroto!... ainda manga!

D. CARAPANTA.

A princeza, que amavas loucamente
E' minha... o seu amor heide, contente,
Gozar... nos braços d'ella mil ternuras,
Mil seductoras glorias e venturas
A sorte me promette pura e branda...
E tu... morres ahi de cara á banda.

D. Taroco.

Não creias, Carapanta, que a princeza
Jámais por ti d'amor se sinta accesa;
Não creias que esse peito nobre e puro
Palpite por te olhar... fica seguro
Que só despreso e odio hasde alcançar
D'aquella que me tem amor sem par.
Constancia me jurou, jurou-me d'alma,
N'um dia de verão, de muita calma,
Que só eu gozaria os seus encantos...
E não podem teus rogos nem teus prantos,
Nem mesmo teu rigor, brutaes cruezas
Vencer a mais formosa das princezas,
Que o puro deus d'amor me destinava...
Jámais a teu desejo a vês escrava ..
Jámais lhe roubarás á honra o brilho
Nem que o peito lhe fures co' um pampilho!

D. Carapanta.

Que dizes, meu pacovio? Heide rendel-a;
Ou ternura ou rigor hade vencel-a.
Que importa que a princeza, por loucura,
Te jurasse paixão constante e pura?
Acreditar, acaso, ainda queres
Nos protestos, que fazem as mulheres?
Não sabes que a que jura com mais força
Ao amante faz dar pulo de corça?
Não sabes que a que diz ser verdadeira
Jura terça, e perjura quarta feira?
Se o não sabes, se pensas d'outra sorte,
Tens pancada na mola, e muito forte.
E vê que de meu throno o luzimento,
As galas de um cortejo d'espavento
Podem bem seduzir. Crê que a princeza
Gosta bem de folia, e de grandeza;
E eu heide preparar-lhe mil recreios,
Mil festas, mil *soirées*, e mil passeios,

Heide comprar-lhe um trem d'alto estadão,
E uma vistosa saia de balão.
Heide comprar-lhe á moda uns borzeguins,
E leval-a a Lisboa aos arlequins,
P'ra ver dançar na corda, divertido,
O palhaço melhor, que temos tido,
Palhaço, que, se apura as baboseiras,
Alcança as nobres palmas das trincheiras.
Tambem heide leval-a a ver a phoca,
Que, mettida n'um tanque d'agua choca,
A' voz da dona sempre obediente,
Faz d'assombro pasmar a toda a gente;
E (caso d'espantar mesmo o careca!)
Engole d'uma vez uma faneca!
Finalmente, heide dar-lhe mil presentes,
Pausinhos de pomada, escovas, pentes;
E este meu coração — obra de apuro —
Sem mascarras em si, limpinho e puro.

D. Taroco.

Quanto aposta você que não alcança
Aquelle coração de ovelha mansa?

D. Carapanta.

Aposto a minha caixa de tabaco,
Que tem aqui pintado este macaco. (*mostrando a caixa*)

D. Taroco.

E eu aposto a cabeça toda inteira,

D. Carapanta.

Não podes apostar essa caveira;
Ella já não é tua, agora é minha,
E heide-a pôr a queimar como uma pinha.

D. Taroco.

Mata-me, sim, terrivel Carapanta,
Que nada de temor me assarapanta.
Inventa mil tormentos exquisitos...
Que, nem vendo em azeite os membros fritos,

Nem sentindo um punhal romper-me o peito,
Nem vendo o coração em postas feito,
Soltarei um só ai. Põe-me guizado,
Transforma-me n'um *beef* bem torrado,
Que, ardendo em labaredas sobre a grelha,
Sangue frio terei... constancia velha!

D. Carapanta.

Maior tormento o meu rancor inventa...
Dôr mais forte, mais negra, mais cruenta
A morte te dará. Heide mandar
De banda a banda o peito teu passar
Com agulha, e cordel bem enfiado,
Que, por alguem depois sem dó puxado,
Fará que entre mil dôres, sem demora
Te saia o coração p'la bocca fóra,
A' maneira da rolha, que se safa
C'um cordel p'lo gargalo da garrafa!

D. Taroco (*áparte*)

Oh!... aquelle tormento me arrepia! (*alto*)
Oh! fera carniceira a mais bravia,
Que tormento cruel que imaginaste!...
Queres d'este meu peito co' um guindaste
Tirar-me o coração pelo pescoço,
Como se tira o balde d'algum poço! (*arrepiando-se*)
Ah!... meu sangue se gela... todo esfrio...
Sinto n'alma um terrivel calafrio...
O cabello se erriça... a voz me treme...
O coração não bate... o heroe já teme! (*abatido*)

D. Carapanta (*regosijando se*)

Ah! já tens medo? Já não tens chibança?
Já tremes como treme uma creança?!
Sabe que a dôr que tens d'alma no centro
Regala-me este peito cá por dentro.
E adeus... eu corro aos braços da princeza,

Que se esquece de ti... e tem certeza
Que ella dizendo está co' os seus botões
Que na troca lucrou dos corações. (*sae*)

SCENA VIII

D. Taroco (*só*).

A coragem na dôr, já, já me falta...
O valor de meu peito *fez-se á malta!*
E eu que pensava ser homem devéras,
Ter coração d'heroe d'antigas eras,
E sinto-me tremer, p'la dôr prostrado,
Co'o sangue em limonada transformado! (*tentando recobrar animo*).
Sangue de meus avós, que em mim circulas,
Vê se aqueces nas veias, vê se pulas...
Corre-me ao coração, que a dôr esmaga!
Dá-lhe força, valor, cura-lhe a chaga,
Que tão funda lhe abriu um rei bravio!...
Aquece — p'ra que eu morra a *sangue frio;*
E no arranco fatal e derradeiro,
Vendo á vida apagar-se o *candeeiro*,
Diga: — adeus, oh triste mundo de miserias,
Mistura de folia... e coisas sérias!

SCENA IX

(Ouve-se rumor; pouco depois entra D. Seringa Patão.)

D. TAROCO, E D. SERINGA PATÃO.

D. Taroco (*espantado*).

Que vejo! Estou sonhando, ou acordado?!
E' Seringa Patão quem tenho ao lado?

D. Seringa Patão.

E' elle todo inteiro, D. Taroco,
Sem lhe faltar em si muito nem pouco.

D. Taroco.

O que vens tu fazer a este logar?
Dize, como pudeste aqui entrar?

D. Seringa Patão.

A porta da prisão é mal segura,
E abri co'este preguinho a fechadura. (*mostra um enorme prégo*).

D. Taroco.

Vens, acaso, pôr termo á sorte adversa...

D. Seringa Patão.

Venho só dar dois dedos de conversa,
E da minha prisão tomo o caminho
Para ir festejar o S. Martinho.

D. Taroco.

Vê se inventas alguma astucia agora
Com que me faças pôr d'aqui p'ra fora.
Olha... não sabes, não... nem imaginas,
Que penas tão crueis, e tão mofinas
Tenho soffrido aqui! Tenho passado
Noites, dias chorando este meu fado...
E a dôr, que me flagella, que me mata,
Meu rosto transformou n'uma cascata!...
Vê como estou tão magro... tão mirrado...
Eu, que d'antes fui gordo e anafado!

D. Seringa Patão.

Pois eu tenho passado na prisão
Os mais alegres dias de funcção.
Se não fosse o perder a liberdade
Viria aqui assim como um abbade.
E' amigo o ratão do carcereiro;
E como lhe vou dando algum dinheiro,

Ao jantar não me falta a petisqueira:
— Sôpa de macarrão, carne da Beira,
Mais hervas, e mais tal... prato do meio,
Um frangainho, ou dois, com seu recheio;
E vinho, que, se não é dos melhores,
Tenho bebido já coisas peiores.
Olhe — p'ra lhe fallar livre de peta —
Levo aqui uma vida de *chupeta*.
Tenho aprendido aqui com certo panga
A fazer pulseirinhas de missanga...
Canto com o criado pae *Faxico*...
Danço á noite o lundum... tomo o meu bico...
Depois vou-me deitar, sonho *delicias*...
Sonho co'o exercicio das milicias...
Acordo de manhã mui socegado,
Mato o *bicho*, e já tenho preparado
Chásinho muito bom, bellas torradas,
Com optima manteiga besuntadas...
Mais isto, e mais aquillo; e, finalmente,
Um almoço do tom, — muito decente.
Como com appetite de camello,
E (vergonha será talvez dizel-o)
Heide sair d'aqui tão anafado
Como um porco, que sae d'um bom montado.

D. Taroco.

Podes tu ter prazer n'esta masmorra?

D. Seringa Patão.

Meu fado é ser alegre até que morra;
E uma vez que não falte a petisqueira
Entendo que a tristeza é uma asneira.
Não se apoquente, excelsa magestade,
Ponha o seu coração mais á vontade,
E acostume-se a estar n'esta gaiola...
Faça de conta que é canario ou ròla.

D. Taroco.

Posso, acaso, deixar de sentir n'alma
Uma terrivel dôr, que não se acalma.
Esp'rando por momentos cruel morte?
Acaso ha coração tão duro e forte,
Que não succumba á dôr n'estas alturas?

D Seringa Patão.

Isso agora é mais serio! Entre torturas
Vos querem extinguir o alento á vida?!

D. Taroco.

A voz do rei, por mim ha pouco ouvida,
Disse que ia mandar já, sem demora,
Tirar meu coração p'la bocca fora!

D. Seringa Patão. (*arrepiando-se*).

Safa! Tormento egual jámais se viu!
Que patife cruel, que me saiu
Aquelle Carapanta do Barreiro!...
E' um feroz abutre carniceiro!
Quer tirar-vos p'la bocca o coração!!
Merece privilegio de invenção
Uma tão exquisita crueldade! (*pausa*).
Eu quizera chorar, sim, na verdade,
Vossa sorte cruel, que causa espanto...
Porém o coração, rebelde ao pranto,
Não consente que eu faça caramunha;
Jámais eu de chorão terei a alcunha.
Mesmo quando em pequeno andei na escola,
E que o mestre brutal, sabio farçola,
Castigando-me a falta de memoria,
Me estalava nas mãos co'a palmatoria,
Jámais uma só lagrima soltei.
Quero chorar por vós... mas se eu não sei.

SCENA X

OS MESMOS, E D SONECA.

D. SONECA *(entrando apressado)*.

Escutae, D. Taroco... e vós Patão,
Quereis sair já, já d'esta prisão?

D. TAROCO, E PATÃO.

Se queremos sair?! Oh! quem nos dera!

D. SONECA.

'Stou disposto a salvar-vos...

D. TAROCO.

Sem espera...
Saiamos já d'aqui, meu bom Soneca,
Senão vão-me matar... leva-me a breca.

D. SONECA.

Com uma condição: — quero primeiro
O tit'lo de barão e algum dinheiro.

D. TAROCO.

Dou palavra de rei... vê que não falho.

D. SONECA (*batendo nos copes da espada*).

'Stá ao vosso dispôr o meu chanfalho. (*solta-o do grilhão*).
A' patria, e ao meu rei vou ser traidor...
Vou pelejar por vós com todo o ardor...
Vou já do pé p'ra mão fazer *bernarda*,
E o sceptro de meu rei fica em mostarda.
Sei que da minha patria sou maldito...
Porém o ser barão é tão bonito!!

D. TAROCO *(abraçando-o)*.

E's no mundo a melhor das creaturas!

D. Seringa Pa·ão (*áparte*).

Quanto vale um traidor n'estas alturas!

SCENA XI

os mesmos, e chumeco, correndo assarapantado.

Chumeco.

A porta da prisão vejo arrombada!...
Ai! que temos aqui grande tratada! (*gritando*)
Oh da guarda! Oh da guarda! Sem demora,
Acudam, que estes melros vão-se embora!...
Acudam, que lhe abriram a gaiola!

D. Soneca (*para Chumeco com voz forte e fincando o dente*).

Cala-te, que te quebro essa cachola!
Ponho-te um pé no bucho, e te esborracho
Como lá no lagar se espreme um cacho!
Olha que para mim és um boneco,
E que podes deixar de ser Chumeco...
Repara que sou eu que assim te fallo. (*arremeçando-o*).

Chumeco (*recuando assustado*).

Oh! tende dó de mim... eu já me calo.

D. Soneca (*para Chumeco*).

Vae, que te mando eu, com ligeireza
Abrir o negro carcere da princeza,
E traze-m'a aqui já.

Chumeco (*saindo*).

Eu vou depressa... (*áparte*).
Vou ficar d'esta vez sem a cabeça.

(Chumeco sáe; Soneca segue-o).

SCENA XII

OS MESMOS, E D. HYDROGENIA, nos braços de CHUMECO desmaiada.

D. TAROCO.

Princeza! Vamos ter a liberdade!
Partamos d'esta feia escuridade!
Mas que vejo?! Estás de côr perdida!...
Prostrada pela dôr! N'esta partida
Recobra o teu valor... toma coragem...
Vem gozar o sol puro, e doce aragem!... (*tomando-lhe a mão e beijando-a*).
Oh! 'stá fria de neve... 'stá gelada!...
Falla, joia d'amor idolatrada!... (*afflicto*).
E não haver aqui algum soccorro!...
Dize, dize o que tens, senão eu morro.

D. SONECA (*tomando o pulso*).

Apenas um desmaio, coisa leve,
Com agua sedativa passa breve.

D. TAROCO.

Que fado tão cruel!... que sorte a minha!...
Como hade ella partir?...

D. SONECA.

De cadeirinha.
Partamos. — Meu valor aqui emprégo. —
A noite mais escura do que um prégo
Nos protege. A empresa é arriscada,
Mas os peitos de heroes não temem nada.
Lá em baixo nos esperam junto á praia
Dois pescadores d'atum n'uma catraia.
Partamos, que ámanhã de madrugada
Hade o sangue correr n'uma enxurrada! (*para Taroco*).

Recobrareis o vosso alto brasão,
E eu vou ter dinheiro, e ser barão.

(D Soneca e D. Seringa Patão formam cadeirinha com as mãos; Taroco e Chumeco ajudam a sentar a princeza).

(Saem todos, menos Chumeco).

CHUMECO.

Quando o rei tal souber vejo-me em pancas!..,
Que heide eu fazer agora? (*depois de reflectir*) — Dou ás trancas.

(Sae correndo).

Cae o panno.

ACTO III.

Palacio de D. Taroco no Seixal: sala regia completamente decorada. Throno á direita: tropheos nas paredes, etc.

SCENA I

D. SERINGA PATÃO, E D. SONECA.

D. SONECA.

Vencemos. Eu não disse, D. Patão,
Que p'ra fazer *bernarda* era um pimpão?!
Não é esta a primeira por mim feita,
Por isso com proveito uso a receita.
Não ha no mundo quem para a desordem
Saiba arranjar as coisas com mais ordem.
Disse: — vamos vencer — e foi n'um prompto.

D. SERINGA PATÃO.

Podes mostrar basofia n'esse ponto,
Pois bem rapido foi nosso triumpho;
E já vejo que és um grande trunfo,

Que o jogo dos parceiros ensarilha.
Quem te possue faz vaza : — és a *espadilha*.

D. Soneca.

Na tropa de meu rei eu tinha imperio :
Corri pelos quarteis, fallei-lhe *serio*,
Prometti promoções, habitos, fitas,
E seduzi com coisas tão bonitas
Aquelles *nobres* peitos. E fiz mais :
Com ôcas phrases chulas, e banaes,
Persuadi áquella gente toda,
Que o ser traidor á patria estava em moda.
A' hora que marquei toca a rebate,
E tudo sae em ordem de combate :
Monto logo no meu burro cinzento,
E, commandando o ousado movimento,
Na frente me colloco dos soldados,
Promptos a combater como damnados. . .
Promptos a darem alma e vida ao *diacho*
Por ver cair seu rei do throno abaixo.
Alguns lhe são fieis, mostram bravura,
E querem deitar agua na fervura ;
Porém, como mestrão n'arte da guerra,
Em breve fiz a todos comer terra ;
E com guerreira audacia desmedida,
Manejando, sem susto, a espada erguida,
Fiz, por sabia manobra combinada,
Pôr toda aquella sucia em retirada.
Chamaram-me traidor á patria, e ao rei,
Mas deixei-os fallar, porque bem sei,
Que quem da honra o caminho não entorta,
Jámais pode passar da cepa torta.

D. Seringa Patão.

Sim, valente Soneca, é bem pensado.
Quem a *mania* tem de ser honrado,
Supporta n'este mundo mil torturas,
E não pode subir certas alturas :

Vive qual pobre Job no mundo ingrato,
Morre como na lama o carrapato.

D. Soneca.

Agora espero, em premio da traição,
O titulo pomposo de barão:
— Sem o ter a minh'alma não repoisa.

D. Seringa Patão.

Mereces ser barão de qualquer coisa;
E o rei, que teus serviços avalia,
Vae pagar-te com larga bizarria.
Verás em teu brazão *escarranchados*
Tres ursos, e dois gatos assanhados,
E, em fundo carmezim, pintado a colla,
Seis camarões cercando uma santola.

D. Soneca.

Isso deve ser bello e magestoso,
E eu pela nobreza sou *baboso*!...
Sou!... que um tit'lo pomposo e sublimado
E' qual outro pastel com bom folhado.
Ninguem dirá que os meus antepassados
Jazem no esquecimento sepultados...
Ninguem dirá que, pobres e mesquinhos,
Dentro de frageis barcos, coitadinhos,
Affrontaram do mar as iras feias
Na pesca dos atuns, e das baleias...
E se alguem tal disser..

D. Seringa Patão.

Diz a verdade.

D. Soneca.

Mas eu heide-o matar!

D. Seringa Patão.

Isso á vontade.

SCENA II

OS MESMOS, E D. MANHOSO.

D. SONECA.

D. Manhoso por cá! Muito me espanta!
Tambem foste traidor ao Carapanta?

D. MANHOSO.

E' verdade que fui, meu bom Soneca...
O honrado muitas vezes tambem pecca!
Violei os meus santos juramentos...
Deixei a patria nos finaes alentos...
Fiz um triste papel — e de quizilia...
E tudo isto porque?! Por ter familia!

D. SONECA.

Não te lastimes; és um homem serio,
Talvez possas subir ao ministerio.
Ministro foste já d'um rei pod'roso,
Por isso não te choro, D. Manhoso.

D. SERINGA PATÃO.

Quem teve ás suas ordens o thesouro,
Se saiu sem vintem, foi um calouro.

D. MANHOSO (*esquen'ado com a graça*).

O que me diz, senhor?! Eu sou honrado;
E estaria em riquezas augmentado
Se autor quizesse ser de vis *maroscas!*...

D. SERINGA PATÃO (*áparte*).

Que idéas tão retrogradas, e toscas!

D. MANHOSO.

Sempre, limpo de mãos, e sem cubiça,
Mostrei que o meu brazão era a justiça...

Sim... juro-vos que fiz — e nada frouxo
Justiça mais direita que um arrocho.

D. SERINGA PATÃO.

Quem sabe no que diz se vae engano...
O senhor foi ministro mais d'um anno,
Teve tempo de encher mui bem o sacco.

D. MANHOSO *(tomando o caso a serio)*. .

Não me insulte, senhor, que eu encavaco!
Respeite-me estas barbas tão honradas,
Não me diga graçolas tão pesadas,
Que as não posso soffrer a sangue frio!...
Não queira denegrir a honra e brio
De quem tanto lhe importa a voz da fama!

D. SERINGA PATÃO *(áparte)*.

E' egual n'esse ponto a qualquer dama.

D. MANHOSO.

Sou pobre... como são tantos honrados;
E na tumba dos *bons gatos pingados*
Irei parar por fim ao cemiterio!...

D. SERINGA PATÃO *(para Soneca)*.

Este homem, D. Soneca, falla serio?

D. SONECA *(para Seringa Patão)*.

Talvez; mas no que diz, comtudo, assento
Se lhe deve abater trinta por cento.

(Ouve-se ao longe o toque de clarins).

D. SERINGA PATÃO.

Não ouves, D. Soneca, esta harmonia? *(indo a uma janella ao fundo da scena)*.
Lá vem o rei com toda a fidalguia,
Em frente do cortejo mais brilhante... *(apontando)*.
Repara na princeza tão chibante...

Repara como os dois, que dão os braços,
Acertam pela musica os seus passos.
Olha o povo agrupado, em movimento,
Mostrando seu real contentamento!...
Olha como celebram a victoria
D'um rei, que quer na patria ver a gloria
Alegria não ha mais verdadeira!

D. Soneca.

Deus queira que ella chegue a quarta feira!

D. Manhoso.

O povo vê cumprido o seu desejo.

D. Soneca.

P'r' aqui caminha o rei e seu cortejo.

SCENA III

OS MESMOS, D. TAROCO, D. HYDROGENIA, GENERAES, CAMARISTAS, PAGENS, etc.

(Em frente do cortejo um palhaço tocando flauta. Dão tres voltas á roda da scena cantando o seguinte).

Côro.

Viva o rei tão caro
Nosso protector,
Delicias da patria,
Dos povos amor!

Entre nós já vemos
O rei desejado,
O sabio Taroco,
Por nós respeitado.

O fado cruel
A *birra* perdeu
O nosso rei caro
De novo nos deu.

Viva! Viva! Viva!
O sceptro real!
Viva a liberdade
Do nosso Seixal.

D. TAROCO (*com amabilidade*)

Illustres cidadãos, eis-me de novo
Nos braços carinhosos de meu povo,
Negro fado cruel, que embirra ás vezes,
Me poz longe de vós por quatro mezes.
Não chorei ver perdido o regio mando,
Mas ver o triste povo agonisando,
Ver acceso da guerra o negro facho,
E a patria a caminhar por agua abaixo!
Sim, confesso, chorei, p'la vez primeira,
Com magoa bem profunda e verdadeira.
Mas tudo já lá vae, hoje, contente,
Estou, como se diz, *co' a minha gente*. (*mostrando a princeza*)
Aqui tendes a joia pura e bella,
A formosa princeza d'Arrentella...
Chorou muito por vós, fez caramunha
Porque tornar a ver-vos não suppunha. (*mostrando D. Soneca*)
Aqui tendes tambem a D. Soneca,
Heroe, que leva tudo com a breca
Quando empunha a terrivel durindana,
E n'um lombo qualquer toca a pavana:
A elle é que se deve, tamsómente,
O triumpho sem par da nossa gente.

D. SONECA.

Agradeço, meu rei. O meu consolo
Sempre foi dar lambada, e dar carolo;

E contae com a minha forte espada,
Dos louros da victoria sempre ornada.
Não tendes que temer: eu afianço
Que não terá vosso throno outro balanço.
Dediquei-vos meu nobre coração.

D. Seringa Patão (*áparte*)

Estás prompto a fazer egual traição
Se alguem te prometter quantia grossa.

D. Taroco.

Celebre-se a victoria: — á patria nossa
Ella vem prometter progresso e luz.
A doce paz, mais doce que alcaçuz,
Entre nós vem reinar. Ordeno agora
Que comecem domingo, a qualquer hora,
Estupendas funcções por toda a parte:
Arcos mil triumphaes, primores d'arte,
Se vejam pelas ruas da *cidade*
Com vistosos festões em quantidade.
Marmoreos pedestaes, todos diff'rentes
Com airosas figuras, mas decentes,
Digam na base em verso redondilho
Acções, que á patria deram tanto brilho.
A' noite quero ver, de côres varias,
Por toda a parte immensas luminarias,
Balões, cacos com sebo, mijaretes,
Bichas, valverdes, bombas e foguetes;
Dez bandas marciaes, marchando em forma,
Tocarão com primor peças da Norma,
Cruzando a rua em varias direcções;
Ao ar hãode subir quatro balões
Co' os nomes de meus fortes generaes
Em primorosas lettras garrafaes. . .
E, finalmente, a tanto chegue o luxo,
Que na *praça maior* haja um repuxo,

O qual, para servir de novo enfeite,
A grande elevação repuxe azeite.
Em breve vae tambem ser celebrado
Nosso santo consorcio desejado:
N'esse dia darei baile no paço,
E á côrte real, pão com melaço;
Graças farei... e, se p'ra tal me der,
Só não será barão quem não quizer.

CÔRO.

Viva o nosso rei,
Que augmenta os brazões!
Sim, todos seremos,
Seremos barões!

Havendo famosos
Barões com fartura,
Vae tudo *n'um sino*,
A patria fulgura.

Já tudo promette
Progresso sem par,
Vae dar leis ao mundo
O *grande* Seixal!

Viva o nosso rei,
Que augmenta os brazões!
Sim, todos seremos,
Seremos barões.

D. TAROCO.

Senhores, a cantiga já vae fraca,
Gelêa ide tomar de mão de vacca.

(Sae o cortejo.)

SCENA IV

OS MESMOS, menos o CORTEJO.

D. TAROCO.

Princeza, meu amor, olha os vassallos
Como sentem por nós doces abalos!
Vê que dita não é a realeza,
Quando um povo leal, com singeleza
Lhe tributa, gostoso, affectos d'alma!
Não ha no mundo, não, mais nobre palma!

D. HYDROGENIA.

Os povos nos adoram, bem o vejo;
E será sobre o throno o meu desejo
Formar tão puro amor em puras bases,
Pois todos elles são bellos rapazes.

D. MANHOSO (*pa a Taroco*)

Que me perdoareis, senhor, confio,
Se á vossa real conversa corto o fio.
D. Manhoso, o fiel, por excellencia,
Se curva a vossos pés com reverencia,
E com vozes leaes, e tom mui serio
Vos supplica um logar no ministerio.
Sustenta pae e mãe... pobre se vê...
Por isso pede. E receb'rá mercê.

D. HYDROGENIA (*para Taroco*)

Sustenta pae e mãe... por bom o tenho.
Acceitae-me, senhor, por seu empenho.

D. TAROCO.

Tu m'o pedes, princeza, e isso basta. (*para D. Manhoso*)
Despacho o requerimento — tens a pasta.

D. MANHOSO (*ajoelhando*)

Permitti que, acceitando, sem mais petas,
Vos beije, respeitoso, essas *palhetas*. (*erguendo-se*)
Sou homem de saber, sou financeiro,
Té de pedras eu sei fazer dinheiro;
E prometto á nação dar sob'rania,
O progresso animar, pagar em dia.

D. SERINGA PATÃO (*áparte a Soneca*)

Todos elles nos fazem taes promessas.

D. SONECA (*áparte a Seringa Patão*)

E costumam cumpril-as — ás avessas.

D. TAROCO.

Princeza, caminhemos p'ra a cozinha
P'ra tomar um caldinho de gallinha.

D. HYDROGENIA.

Prefiro antes que seja caldo d'unto;
Mas a ser de gallinha, com prezunto. (*saem os dois*)

SCENA V

OS MESMOS, menos D. TAROCO, E D. HYDROGENIA.

D. SERINGA PATÃO (*tirando cigarros da algibeira*)

Vamos nós a tomar uma fumaça?...

D. SONECA.

Valeu, diz muito bem, acho-lhe graça.

D. SERINGA PATÃO (*offerecendo-lhe um cigarro*)

Aqui tem um cigarro do contracto.

D. SONECA (*acceitando-o*)

Optimo deve ser.

D. SERINGA PATÃO.

Não é exacto;

Tem duas coisas, com as quaes eu ardo;
Tabaco mau e podre, e papel pardo. (*para Manhoso offerecendo-lhe um cigarro*)
Em off'recer cigarros não sou fraco.
Aqui tem um, senhor.

D. Manhoso (*agradecendo*)

Tomo tabaco.

(Os dois accendem os cigarros e fumam.)

D. Seringa Patão.

Então, não sei se sabes, D. Soneca,
O rei 'stá assanhado como a breca,
E rosnam por ahi alguns, que intenta
Dar a morte mais feia e mais cruenta
Ao teu rei — que já foi — D. Carapanta.

D. Soneca (*friamente*)

E' coisa trivial, nada me espanta.
Sempre vi n'este mundo, em que me acho,
O que fica de cima dar p'ra baixo.

D. Manhoso.

Ah! pobre Carapanta do Barreiro,
Que morres d'esta vez como um sendeiro!...
Foste um rei poderoso e respeitado,
E viste o throno teu sempre cercado
Por soldados fieis, heroes de cunho,
Que juravam morrer d'espada em punho,
Pelejando por ti! Eu te lamento!
E vou, cheio de dôr n'este momento,
Chorar por tuas penas repetidas
Meia duzia de lagrimas sentidas! (*chora*)

D. Soneca.

Então, não querem ver esta lembrança! (*para Manhoso*)
Chorar por qualquer coisa é ser creança.

D. SERINGA PATÃO.

Ser creança, e piegas; e eu, em vendo
Um ministro a chorar, fico tremendo,

D. MANHOSO.

O heroe tambem chora... e porque não,
Se tem para chorar mais coração?!
Choro aquelle bom rei, que amei devéras,
Que sempre me escutou vozes sinceras!...
Choro aquelle bom rei, que ouvia ás sérias,
E sem desconfiar, as minhas lérias!...
Choro!... e devo chorar magoa tamanha!

D. SERINGA PATÃO.

Pois digo-lhe que o pranto, então, sustenha,
Porque este nosso rei sempre tem fé
Em quem, como o senhor, toma rapé.

D. MANHOSO.

Acaso isso é verdade?

D. SERINGA PATÃO.

E *verdadeira.*

D. MANHOSO (*com alegria*)

Oh! então já não faço choradeira!
Sou devéras feliz! Que sorte a minha!
Vou arranjar agora outra *egrejinha!*
Viva! Viva o Seixal, que já me encanta!
Morra quando quizer o Carapanta!

SCENA VI

OS MESMOS, D. TAROCO, D. HYDROGENIA, E O CORTEJO.

D. TAROCO.

Sobe ao throno, princeza idolatrada,
Lá tens uma cadeira almofadada. (*sobem os dois e tomam assento*)

Soneca, traze á minha real presença
O rei, de quem soffri tamanha offensa.

(Sae Soneca.)

Quero dar-lhe o castigo merecido...
Hade soffrer a sorte do vencido,
Que, em quanto vencedor, se faz cruel.
Da vingança mais negra em negro fel
Este meu coração cae de mergulho!...
No peito hoje me faz atroz barulho
O brado da vingança!... E vou vingar-me!
O braço do algoz, robusto, se arme,
E de um golpe de força desmedida
Aniquile ao perverso a negra vida.

D. Seringa Patão.

Sim! Sim! Deve morrer! A' morte! A' morte!

Cortejo.

Sim! Sim! Deve morrer! A' morte! A' morte!

Còro.

Sim haja vingança,
Vingança, e não fraca!
Sim, morra o tyranno
De morte macaca!

O braço do algoz
Cruel, e robusto,
O alento da vida
Lhe tire sem custo!

A morte mais feia
Invente o rancor,
Que soffra o perverso
Tormento de horror!

Sim haja vingança,
Vingança, e não fraca!
Sim, morra o tyranno
De morte macaca!

SCENA VII

OS MESMOS, D. CARAPANTA conduzido por SONECA, E SOLDADOS.

D. TAROCO.

Terrivel Carapanta do Barreiro,
Mais feroz do que um tygre carniceiro;
Fizeste-me soffrer negras torturas,
E inventavas as penas as mais duras
P'ra me tirar a vida!... mas o fado,
Que a morte me não tinha decretado,
Cansou de me tratar com seu rigor,
E um ponto final correu a pôr
No livro onde o destino me estampava...
E começa a escrever, e em breve acaba
O capitulo dez da minha sorte,
Onde diz que ditoso até á morte
Meu destino vae ser; — por conseguinte,
Já não temo do fado um novo acinte.
Minha vida a folgar vae ser *comedia*,
E não hade acabar como tragedia. *(pausa)*
Se tu tivesses sido um rei piedoso,
Em quanto sobre mim foste pod'roso,
Piedade de ti devera ter...
Mas tu foste um cruel — cruel vou ser.
Prepara-te p'ra ouvir negra sentença,
Que cumprida vae ser, e sem detença.

D. CARAPANTA.

Com a morte já conto... não me assusto:
Este peito valente, e tão robusto

Encara-a sem tremer, e sem pavor...
Sobeja-me no peito hoje o valor!
Mil mortes affrontara, a ser possivel,
Com coragem d'heroe, audacia incrivel! *(pausa)*
Mas sabe que, depois da minha morte,
Tu, e todos os teus soffrerão corte.
Uma velha, mui sabia feiticeira,
Extrahindo um licor da dormideira
Com elle ungiu a fronte ao meu toutiço,
E involveu minha vida em um feitiço
Terrivel para todos, que, por sorte,
Me vejam nas crueis ancias da morte!

D. Taroco.

Não me contes historias — e de bruxas,
Que assustam só creanças pequerruchas:
Ouve a tua sentença, que é atroz, *(a um do cortejo)*
Ó lá! Ordena o rei: — venha o algoz.

(Sae um.)

D. Carapanta.

Não se deve negar ao condemnado,
Quando para morrer 'stá preparado,
Um pequeno favor, que o triste implora...
E eu, Taroco, vou pedir-te agora
Que consintas que n'este possa dar
Uma descompostura... de rachar. *(apontando para Soneca)*

D. Taroco.

Consinto.

D. Carapanta.

D. Soneca, és um traidor,
Que accendes n'este peito o meu rancor!!
Tu merecias ser em postas feito!...
Faltaste ao juramento...

D. Soneca.

Meu proveito.

D. Carapanta.

Faltaste ao juramento feito ao rei...
Calcaste aos pés a patria, e mais a lei,
Que devias guardar como soldado!!
Sim... tu foste o cruel, o desalmado,
Que, armando o fero braço traiçoeiro,
Deste o golpe fatal no meu Barreiro...
E a mim, que te amei tanto, dás a morte!...
Mas ouve a minha voz, que se ergue forte
P'ra castigar um vil, um bigorrilhas,
Que o meu sceptro de pau fez em estilhas!!
És um grande patife! És um maroto,
Que saltaste, qual negro gafanhoto,
Nas entranhas da patria! Ouve, Soneca...
Tu, e todos que vês leva-os a breca!
E sabe que, até mesmo sepultado,
Não terás um momento descansado;
Que a minha sombra irada — fallo serio —
Hade ir mangar comtigo ao cemiterio!

D. Soneca.

Não tremo nem de medo, nem da affronta. (*áparte*)
'Stás ahi, 'stas levando a tua conta.

SCENA VIII

os mesmos, e o algoz, que traz um enorme saca-rolhas.

D. Taroco (*para o algoz*)

Empunha esse terrivel saca-rolhas,
Que de sangue tingiram negras bolhas,
E nas costas do fero Carapanta
Embebe-o com vigor, com força tanta
Que lhe tires a vida n'um momento;
E depois, fazendo este movimento, (*indica o movimento que se dá ao saca-rolhas*)

Os pés finca no chão, puxa ligeiro,
E o feroz coração lhe arranca inteiro.

(O algoz mette-lhe o saca-rolhas pelas costas, e tira-lhe o coração, que sae ardendo em uma chamma enxofrada; todos tossem violentamente.)

D. Taroco (*tossindo*)

Não posso respirar!... Morro de abafo!...

D. Hydrogenia (*tossindo*)

Quero ar livre!... do throno já me safo! (*descem do throno; querem caminhar para a porta, mas caem mortos*)

D. Soneca (*tossindo*)

Já morreram os dois!... comigo tres... (*cae*)

D. Manhoso (*o mesmo*)

E quatro... que me chega a minha vez!

D. Seringa Patão (*o mesmo*)

E cinco... porque a morte chega prompta!

Algoz (*o mesmo*)

E seis... para acertar melhor a conta.

Um do cortejo.

E nós, amigos meus, morramos juntos,
Que o autor nos quiz ver todos defuntos.

(Caem todos menos um, que se dirige aos espectadores.)

Meus senhores, o autor, tamsómente
Por finura, matar-me não quiz,
P'ra ficar quem pedisse desculpa
Se a tragedia não fosse feliz.

Cae o panno.

ERRATAS

Na pag. 39, lin. 18, onde se lê—*bons*—leia-se—*vis*.
Na pag. 43, lin. 19, onde se lê—sem par—leia-se—real.

ANTONIO DE SERPA.

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.º francez. 400
Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.º e 2.º vol. em folio. Preço..... 4:500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr..... 720
Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 600
Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 360
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400
O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr..... 160
A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.º fr..... 160

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º francez. Preço 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.º fr..... .. 320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr..... 240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.º fr. 300
Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço. 360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos 180

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço..... 240

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 240

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 8.º francez, Preço..... 400

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º francez 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr. 200

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.º fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.... 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr..... 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr. 200
Memorias do Coração. Preço 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos..... 160

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço..... 320

M. JOSE' DA ROCHA.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.º francez. Preço..... 360

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.º francez. Preço..... 1:8

J. M. ALMEIDA RIBEIRO.

Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço..... 1

MANUEL JOAQUIM BARRADAS.

Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço..... 1

CASIMIRO ABREU

Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço..... 1

F. A. MARQUES PEREIRA.

Rudimentos de economia politica, para uso las escolas, 1 vol. 8.º port. Preço..... 9

F. V. DA SILVA BARRADAS.

Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.º fr. Preço..... 9

J. MESQUITA DA ROSA.

Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.º port.

J. ROMANO.

29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço.....

L. PAULINO BORGES.

Ensaios poeticos. Preço.....

D. J. PONCE DE LEÃO.

O Mentor da mocidade.....

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço.

O Pae prodigo, comedia em tres actos.....

F. SERRA.

O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço.....

H. VAN-DEITERS.

Poesias, 1 vol. 8.º fr. Preço.....

APRIGIO FAFES.

E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça.....

PADRE CLAUDIO AQUAVIVEI.

Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.....

JOSE' IGNACIO D'ARAUJO.

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos.

NO PRELO.

Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo.

Os Brasões das cidades e villas de Portugal por I. de V. Barbos

Devem estar promptas até Março as seguintes:

Tudo no mundo é comedia; comedia em tres actos.

O Homem das Cautellas, comedia em dois actos.

Já não ha tolos!... comedia em um acto.

O Marido no Prégo, comedia em um acto.

Segredos do Coração, comedia-drama em tres actos.

A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos.

Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos.

A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos.

Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos

A Conquista das Amazonas, comedia-drama em dois act

A Mascara social, comedia-drama em tres actos.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

PQD
0010317

01807081

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 09 15 04 001 1